

**ESTUDO DE CASO À LUZ DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA SOBRE O FILME
“EXTRAORDINÁRIO”: ANÁLISE DA AUTOESTIMA DO PERSONAGEM AUGGIE PULLMAN**

Gilson Gomes Coelho

Faculdade Católica Dom Orione, Araguaína, TO, Brasil
gilsonpsico@gmail.com

Ana Luiza Machado Fulaneti

Faculdade Católica Dom Orione, Araguaína, TO, Brasil
analuizafulaneti@catolicaorione.edu.br

Maycon Douglas Silva Ribeiro

Faculdade Católica Dom Orione, Araguaína, TO, Brasil
maycondouglasribeiro@catolicaorione.edu.br

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de analisar o processo de construção da autoestima do protagonista Auggie Pullman do filme “O extraordinário”, através de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso e baseada na teoria da Psicologia Sócio-Histórica. Com estas metodologias verificou-se que o processo de instituição da autoestima do garoto se realiza a partir da predominância de comportamentos positivos, oriundos sobretudo da família: contribuindo para um desenvolvimento satisfatório dos processos de internalização de acordo com o repertório histórico cultural do seu próprio meio. Neste enfoque, concluímos que os marcadores sociais que influenciam na autoestima de Auggie é primeiro a sua família e de maneira assistente o contexto escolar apenas sinalizado no trabalho sem maior foco. Porém, observamos que mesmo na ocorrência de comportamentos positivos, somam também os negativos, que impactam no processo de construção da autoestima de Auggie, o que se verifica ao mesmo tempo que a família e entre outros marcadores sociais podem contribuir assertivamente, por outro lado, também podem colaborar negativamente.

Palavras-chaves: Autoestima. Família. Psicologia sócio-histórica.

**CASE STUDY IN THE LIGHT OF SOCIO-HISTORICAL PSYCHOLOGY ABOUT THE FILM
“WONDER”: ANALYSIS OF OF THE SELFESTEEM OF AUGGIE PULLMAN CHARACTER**

ABSTRACT

This article aims to analyze the process of building the selfesteem of the protagonist Auggie Pullman from the film “Wonder”, through a qualitative research, of the case study type and based on the theory of Socio-Historical Psychology. With these methodologies it was found that the process of institution of the boy's selfesteem takes place from the predominance of positive behaviors, mainly from the family: contributing to a satisfactory development of the internalization processes according to the cultural historical repertoire of his own environment. In this approach, we conclude that the social markers that influence Auggie's selfesteem are first his family and, in an assistant way, the school context only signaled at work without greater focus. However, we observed that even in the occurrence of positive behaviors, there are also negative ones, which impact on the process of building Auggie selfesteem, which is verified at the same time that the family and among other social markers can assertively contribute, on the other hand, they can also collaborate negatively.

Keywords: Selfesteem. Family. Psychology Socio-Historical.

Recebido em: 23/09/2021.
Aceito em: 13/07/2021.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo se trata de um estudo de caso à luz da Psicologia Sócio-Histórica, tendo por objetivo analisar o personagem Auggie Pullman do filme *Extraordinário*, somado ao objetivo de analisar, a nossa finalidade é mostrar aspectos do processo de construção da autoestima do personagem frente ao contexto que o lança em experiências negativas e positivas que repercutem na construção da autoestima de Auggie. Em vista disso, a proposta teórica da Psicologia Sócio-Histórica mostra que a autoestima se dá na interação com o meio onde o indivíduo vive e se relaciona com outros sujeitos, onde por meio desta interação poderá sofrer experiências satisfatórias ou insatisfatórias que contribuem para comportamentos e consciência de si mais adequados ou inadequados (LUCCI, 2006).

O filme de produção estrangeira, com título principal da língua inglesa: *Wonder*, (traduzido ao português: *Extraordinário*), é baseado no romance da norte-americana R. J. Palácio, cujo o filme leva o mesmo nome, lançado em 2017 pela Paris Filmes, o longa-metragem tem a direção de Stephen Chbosky e conta com o elenco: Julia Roberts, Jacob Tremblay e Owen Wilson. Com classificação não recomendada à menores de 10 anos, o filme narra a história do menino Auggie Pullman (interpretado pelo ator mirim Jacob Tremblay).

Auggie Pullman é um garoto que nasceu com uma deformação facial, o que o fez passar por 27 cirurgias plásticas. Aos 10 anos de idade, Auggie precisará pela primeira vez frequentar uma escola regular assiduamente, como qualquer criança de sua idade. Na rua e muito mais na escola precisará lidar com os olhares alheios sobre a sua estética facial muito sempre causando estranheza, sendo constantemente observado por todos à sua volta.

Sua inserção no ambiente escolar, como para qualquer criança, representa um marco em sua vida. Trata-se do primeiro contato com o mundo externo à sua casa e à sua família. Esse momento faz parte de um processo crucial para o desenvolvimento de habilidades sociais, pois exige dele iniciativa para conhecer novas pessoas, compreender a autoridade de pessoas desconhecidas sobre ele, e uma infinidade de novas experiências. O que para o garoto é ainda mais intenso, uma vez que, com sua condição facial muitas pessoas poderão sentir receio, evitando uma aproximação. Para Vygotsky (1991), em sua obra *A Formação*

Social da Mente propõe que o homem na sua especificidade de ser humano desenvolve processos superiores, como o pensamento e o planejamento por exemplo, os quais se expandem a partir da socialização com o meio se tornando por meio disso cada vez mais refinado e aprimorado. “As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças” (VYGOTSKY, 1991, p.23), isto é, esse processo de expansão se dá desde o início da vida, e a linguagem torna-se uma facilitadora disso.

Conforme Neves e Damiani (2006), e Freitas (2000), as relações sociais fazem parte da estruturação do sujeito a partir do viés da Psicologia Sócio Histórica, segundo eles, Vygotsky entende que essas relações se dão por um caráter semiológico, na qual os chamados instrumentos e signos farão esse papel mediador do sujeito para com o meio. Segundo Joenk (2007) os instrumentos mediam o homem com o objeto de seu trabalho, possibilitando sua ação sobre a natureza e modificando-a, sendo um elemento externo a ele. Já os signos funcionam como instrumentos psicológicos, sobre os quais Vygotsky (1999 apud JOENK, 2007, p.5) diz que “ a invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc.) é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico”. Isto é, voltado para o próprio sujeito. O signos e instrumentos agem contribuindo na organização psíquica dos conteúdos recém obtidos a partir do que já existe socialmente, historicamente e culturalmente, sendo internalizados, constituindo sua própria consciência a respeito deles. Dessa forma, assim como os signos e instrumentos, o sujeito é um ser social, histórico e cultural.

Mediante esta estruturação mediadora do sujeito, de acordo com a proposta de Vygotsky para os indivíduos com deficiências múltiplas (1993, p.30), ele dirá que “uma criança cujo desenvolvimento é impedido por um defeito não é simplesmente uma criança menos desenvolvida do que seus pares, mas uma criança que se desenvolveu de maneira diferente”. Ou seja, para Vygotsky (1993), o defeito ou deficiência, no caso de Auggie, sua deformação facial não o impediria de desenvolver-se como qualquer outra criança de sua idade em condições facilitadoras do desenvolvimento, porém, ao caso do personagem ou de qualquer condição que se assemelhe à esta, os impactos podem vir a ser predominantemente mais negativos dado a ações sociais não acolhedoras como o preconceito e a discriminação. Neste

caso, desenvolver-se de maneira diferente como aponta Vygotsky (1993), pode implicar em maiores estratégias que não são comuns entre seus pares que não apresentam algum defeito, mas sendo efetivamente possível desenvolver-se. Estas maiores estratégias como colocamos, podemos verificar nas diferentes sociedades por meio da disposição cultural que elaborou, e ainda hoje cria formas inclusivas para as diferentes deficiências humanas (por exemplo, as pessoas com deficiência visual, cegas, foram desenvolvidos livros escritos em Braille), onde funcionam igualmente como mediadores da aquisição de conhecimento para os inscritos nesta condição humana.

Dessa maneira, ao retratarmos o filme alguns elementos como: a autoestima, e o contexto familiar serão destacados para a análise na concepção da Psicologia Sócio Histórica para investigação da construção da autoestima no personagem. Ao apontarmos a autoestima como um fator influente na análise do nosso caso, é preciso considerar que ela se constitui por meio dos padrões estéticos instituídos historicamente, no qual ao nível psicológico constitui uma consciência de si alinhada as expectativas e normas sociais enquanto parâmetro regulador do bonito ou feio (ROCHA, 2003; LANE, 2014).

A teoria Sócio-Histórica ou Psicologia Sócio Histórica, tem como fundador Lev Semionovitch Vygotsky, um importante psicólogo e intelectual do século XX que construiu uma das teorias do desenvolvimento humano de referência até hoje, sendo o seu diferencial entre os outros teóricos do desenvolvimento humano, o conceito onde, para que o indivíduo se desenvolva ocorrerá fundamentalmente uma interação social possibilitada através de mediadores, tendo a linguagem como principal, sendo também, as condições de vida um indicador potencializador deste desenvolvimento humano (LUCCI, 2006).

Consolidada na antiga união soviética (hoje a atual Rússia), a teoria sócio-histórica surgia então em oposição as psicologias da época, onde Vygotsky por sua vez exerce um papel crítico entre as várias formas da atuação da ciência psicológica, estabelecendo novas maneiras do fazer psicológico atrelado às diversas faces da realidade humana, com bases epistemológicas singulares no olhar ao sujeito, na indispensável perspectiva da interação social, cultural, histórica, e individual ao qual se inscrevem os indivíduos por mediação da linguagem (LUCCI, 2006).

A psicologia sócio histórica se esforça na formulação de explicações sobre a construção do psiquismo sem separá-lo das condições concretas que sustentam sua formação epistêmica, identificando no materialismo histórico e dialético da filosofia de Karl Marx, o aporte de sua proposta. Sendo assim, as contribuições da epistemologia marxiana estão concretizadas na psicologia sócio histórica desde seu plano teórico, metodológico, investigativo, e à sua práxis (MARTINS, 2008), oferecendo um arcabouço teórico comprometido com a complexidade da realidade humana e os desdobramentos históricos, culturais e sociais no transcorrer das épocas e dos fenômenos concretos à disposição.

2 METODOLOGIA

Para nossa análise utilizamos duas bases metodológicas, a primeira se trata do tipo de pesquisa estudo de caso, e a segunda é a teoria: Psicologia Sócio Histórica, já apresentada anteriormente. O estudo de caso está inscrito no caráter qualitativo da pesquisa, é “um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular” (GODOY, 1995, p. 25). Esta metodologia permite uma investigação cuidadosa com alcance de características holísticas e subjetivas dos eventos da vida real, desde processos coletivos e maturacionais, dado algum desenvolvimento da vida humana (YIN, 2001). O estudo de caso tem sido um método comum da pesquisa em psicologia, sociologia, e demais áreas das ciências humanas. A adoção destas metodologias permitirá analisar e discutir sobre quais as características implicam no processo de construção da autoestima do personagem

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO: ASPECTOS E CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA DO PERSONAGEM AUGGIE PULLMAN

*É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente.
(VYGOTSKY, 2018, p. 16)*

Na modernidade, cada vez mais somos lançados à uma cultura da boa aparência, onde a beleza é a medida para a aceitação ou rejeição, não ter alguma beleza, então, corresponde

a ser rejeitado (ROCHA, 2003). É a autoestima também um fator fundamental no desenvolvimento humano, ter uma boa estética abre muitas vantagens nas relações sociais. Ainda que tenhamos criado parâmetros estéticos que medem o bonito ou feio, há um valor social crítico que coloca a essência interna das pessoas como sendo realmente o que importa, porém, na realidade, ainda que exista esse reconhecimento sobre a essência interna dos sujeitos acontece que o que se sobressai socialmente são os critérios estéticos que são por vezes limitantes das relações entre os sujeitos.

A autoestima ou autoimagem como preferem alguns autores, é concebida na interação do indivíduo com os aspectos da vida social, é dada como a atitude valorativa que o sujeito tem sobre sua própria imagem (ROCHA, 2003). A autoestima se define de modo geral sobre a maneira como cada sujeito individualmente se vê e pensa sobre si, podendo citar todos os aspectos do seu próprio “eu” ou de si mesmo enquanto pessoa; suas características físicas, sua personalidade, sua capacidade, etc.

Segundo Franco e Davis (2011, p. 99):

Autoestima é, então, vista enquanto uma valoração que o sujeito faz acerca do que acredita ser, uma apreensão construída nas relações que ele mantém com o mundo físico e social. Dessa forma, a autoestima não é natural, dada ou inata ao homem: ela é algo tênue, que surge das diferentes formas pelas quais se significam as situações vividas ao longo da vida. Pode ser, assim, predominantemente positiva ou negativa, ainda que as significações sejam sempre contraditórias e nem sempre claras. De qualquer maneira, a tendência positiva ou negativa, se recorrente, tende a se estabilizar. Por outro lado, como a vida sempre oferece novas circunstâncias ao sujeito, tais significações podem vir a ser modificadas, sofrendo, mesmo, alterações de vulto, que imprimem uma nova marca na consciência de si.

Ou seja, essa nova marca é dada junto a novas possibilidades ao indivíduo, onde, em um longo processo de construção da sua personalidade inscrita no mundo material e na relação com os outros; se revelará as novas autoavaliações acerca de como se vê, o que se faz ou deixa de fazer, podendo ser esta nova marca uma alteração de vulto que corresponde à um olhar mais complacente de si; sobre a própria estética e o próprio corpo. No entanto, há uma diversidade estética que marca, então, a consciência de si enquanto da qualidade do que é diferente, e não anormal, ou estranho, apenas diferente (FRANCO E DAVIS, 2011).

Tais possibilidades de modificação dos significados sobre a própria consciência de si estão inseridas no contexto social e pessoal. Assim, a sociedade impacta diretamente na transformação e na aquisição de uma autoavaliação positiva, como também a família enquanto contexto pessoal (ROCHA, 2003; FRANCO E DAVIS, 2011).

Neste sentido, a inserção do garoto ao ambiente escolar e familiar conta com muitas emoções, situações, alterações e significados. Na escola, logo que faz sua matrícula, o diretor Busanfa imagina que Auggie teria dificuldades em se inserir socialmente, por demonstrar aparentemente receio a nova experiência com o ambiente escolar e as novas pessoas que fariam parte do seu cotidiano a partir dali. Sendo assim, na intenção de aproximá-lo dos outros, o diretor pede para que três crianças que já estudam no colégio (Jullian Albans, Charlotte Cody e Jack Will), apresentem a escola ao novo e distinto colega de turma. Porém, a presunção do garoto Jullian que faz algumas chacotas e questiona a inteligência de Auggie ao fato de não frequentar uma escola na idade regular, e a orgulhosa garota Charlotte que fala deliberadamente sobre si mesma, acabam não sendo estratégias tão receptivas. Mas Jack Will, mesmo tendo ido contra sua vontade e movido pela “piedade” e o “medo” de parecer ingrato por sua bolsa de estudo oferecido pelo programa escolar, demonstra alguma abertura para Auggie, o que mais tarde se torna em uma amizade, havendo apenas alguns desentendimentos que contribuem negativamente à autoestima de Auggie.

A partir disso, nos primeiros meses de aula, Auggie e Jack constroem uma relação de companheirismo. Até que chega à data mais esperada do ano, o halloween, onde para Auggie: “ninguém se importa com as aparências, já que parecer estranho é a intenção das fantasias nesta data”. Mas no contexto da tal festa, Auggie escuta o próprio Jack falando palavras ofensivas sobre ele junto ao Jullian (em tom de segredo) como se Auggie representasse um monstro por causa do seu rosto diferente. Nesse momento, a data comemorativa perde o encanto para Auggie e conseqüentemente seu encanto pelo amigo também. Depois da festa, ao chegar em casa, Auggie fala do ocorrido e tem o apoio de sua irmã, Via, que mesmo passando por momentos ruins, convence o irmão a irem juntos às ruas pedirem por doces ou travessuras como uma tentativa de não deixar o garoto “para baixo”.

O tempo passa e Jack percebe o distanciamento do colega. Quando descobre o motivo, tenta se reaproximar por meio de uma atividade escolar (em dupla) com Auggie, ao invés de Jullian (que já foi um amigo muito próximo de Jack). Mas, Jullian, não gostou de ser deixado de lado pelo seu velho parceiro e tem atitudes preconceituosas em relação a Auggie, como até chama-lo de “aberração”. Este e entre outros comportamentos de Jullian leva Jack a se envolver em uma briga com o próprio Jullian, que se revela autor de diversas atitudes intolerantes à Auggie. A briga, bem como as atitudes intolerantes do garoto Jullian são descobertas pelo professor Brownie e direcionadas ao diretor Busanfa, que suspende as aulas de Jullian e o proíbe de ir ao acampamento de outono junto a sua turma, como forma de advertência. Depois desta reviravolta, como forma de reaproximação, Jack procura Auggie por meio de um jogo virtual já comum entre eles. Ali fazem as pazes e a amizade segue.

O penúltimo acontecimento expressivo do filme, se trata de uma colônia de férias (promovida pelo colégio aos alunos), onde Auggie e Jack se envolvem em uma briga com garotos um pouco mais velhos, porém, naquele momento recebem a ajuda dos ex amigos de Jullian, e acabam vencendo a briga braçal. Isto faz com que os ex amigos de Jullian que também eram intolerantes passam a partir disso a conhecê-lo melhor, e percebem o quanto Auggie é “mais legal do que parecia”, diz um dos garotos mais velhos.

Diante de muitos acontecimentos negativos e positivos ao mesmo tempo, um fim significativo é preparado para todos os estudantes. Uma festa de formatura (pela aprovação) e encerramento do ano letivo, reúne Auggie e sua família que prestam toda a admiração que sentem por ele. Pelo seu excelente rendimento escolar, por sua motivação, força e coragem (diz o diretor escolar na cerimônia da formatura), Auggie é premiado e aplaudido por todos. Ali, Auggie faz uma reflexão sobre se abrir para conhecer as pessoas, e o quanto estava feliz de ter conseguido passar pelas barreiras de cada um, e “convencido” a todos de conhecê-lo de verdade.

Como já retratado, no seu primeiro dia de aula, Auggie demonstra certo receio ao perceber que todos lançam olhares arredios na sua direção, ainda assim não mostra desistir do pleito de estudar em um ambiente antes jamais planejado. É, então, contemplado por um diretor e um professor cujo seus princípios pedagógicos zelam pela inclusão e não admitem a

intolerância, mesmo que apesar disso tais princípios não impedem experiências negativas no contexto escolar em que o garoto se insere, mas facilita atravessar esta nova vivência.

Além disso, sua singular rede de apoio pessoal, a sua família, contribui em primeira mão ao passo que estabelece um vínculo afetivo e facilitador, dirimindo as dificuldades experienciadas. Em especial, a mãe de Auggie desempenha um apoio integral (tendo que desde o nascimento do garoto deixar de lado alguns objetivos de vida pessoais). Sua mãe lhe diz uma lição que ressoa em todas as suas vivências escolares, na qual diz que quando Auggie estivesse em um lugar que não quisesse estar ou não se sentisse bem, bastaria imaginar o lugar e as pessoas com quem gostaria de estar. Se lembrando disso o seu desconforto deveria passar, logo é mais fácil enfrentar o ou os momentos difíceis que viriam.

O seio familiar, ainda que não necessariamente tradicional nuclear (pai, mãe, filhos), pode apresentar apenas uma das figuras sendo uma família monoparental: pai e filhos, mãe e filhos, ou ainda, família extensa representando o cuidado pelos avós, tias, tios, primos ou qualquer relação de parentesco (SILVA, 2016). Ao longo do tempo houveram diversas transformações sobre o conceito de família, hoje a legislação especialmente no Brasil reconhece os vários formatos de família seguindo as transformações na estrutura social, partindo dessas mudanças, atualmente se reconhece as famílias homoparentais; sendo as famílias formadas por pessoas do mesmo sexo, mesmo que não possuam filhos (SILVA, 2016; SILVA E CHAVEIRO, 2009). Sendo assim, a família brasileira hoje é plural.

No caso da família do personagem, é caracterizada pela família nuclear, formada pela mãe, o pai, e uma irmã, exercendo um papel singular e fundamental na humanização, na personalidade e construção da autoestima de Auggie. O que faz existir este modelo de família, bem como outros, é o constante desenvolvimento sociocultural humano que efetiva suas mais diversas formas de “padrões” a serem seguidos ou não na organização do tecido social das distintas sociedades (VYGOTSKY, 1991; DESSN E POLONIA, 2007; SILVA, 2016), assim postula Vygotsky (1991) dizendo que, a relação do indivíduo com os objetos e o mundo não é direta, mas mediada por uma organização simbólica em que a linguagem tem um papel fundamental, é então a família o primeiro sistema que ocupa o papel de possibilitar uma transferência de

saber entre os indivíduos, neste intercâmbio o sujeito consegue abstrair e generalizar o pensamento frente ao seu desenvolvimento

Neste sentido, a família é um forte núcleo pelo qual o sujeito tem as primeiras impressões da vida social (SILVA, 2016), ao qual no contexto do desenvolvimento humano histórico, é reconhecida como a primeira instituição social em conjunto com outras, na finalidade de garantir o progresso e o bem-estar dos membros e do grupo, contendo a proteção e o bem-estar à criança (DESSEN E POLONIA, 2007). "Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva" (DESSEN E POLONIA, 2007, p. 22), é, portanto, as diversas formas de família estabelecidas até hoje que garantem a continuação da espécie humana e o progresso da descendência, e é como já colocado, potencialmente um símbolo mediador na aquisição de estratégias de sobrevivência entre os feitos sociais, culturais e econômicos das sociedades.

As situações nas experiências familiares possibilitam a formação de repertórios comportamentais, que propiciam à criança ações significativas para a resolução de dificuldades individuais ou coletivas na relação com os outros, assim, a estrutura familiar também é um ambiente que corresponde a transformação social, se dado a condições assertivas, influenciará em atitudes comportamentais positivas, presentes e futuras (SARTI, 2004; DESSEN E POLONIA, 2007; SILVA, 2016).

Molon (2002), ao escrever sobre a relação da Psicologia com a formação continuada de educadores, afirma que toda produção de conhecimento deve estar vinculada ao reconhecimento do seu valor social. O cuidado na perspectiva da inclusão e do combate a intolerância faz parte do repertório pedagógico do professor Browne alinhado com o diretor Busanfa, como já analisamos anteriormente aqui. Ilustrado em uma cena onde as crianças vão tirar uma foto em turma, e Auggie tenta se afastar, porém, o professor Browne o traz de volta para o retrato. A fotografia simbólica no contexto revela uma estratégia de inclusão, trazendo um dos temas centrais dos estudos de Vygotsky, a mediação semiótica.

Pino (1991) indica que por mediação semiótica entende-se toda intervenção de um terceiro "elemento", que tenha um significado e viabilize a interação entre os integrantes de

uma relação. A partir da mediação, ocorre um outro processo chamado internalização, no qual o sujeito se apropria do que lhe é externo, já construído no plano sociocultural. Trazendo para o plano individual, ele passa a constituir sua consciência, possibilitando o pensamento, e em seguida devolve para o plano externo por meio de ações, mas dessa vez, com suas próprias impressões já adquiridas de processos anteriores, e mediando o processo de internalização de outros sujeitos. Neste sentido, Vygotsky (2018, p.15) dirá que, “nosso cérebro mostra-se um órgão que conserva nossa experiência anterior e facilita a sua reprodução”.

Desde o acampamento até a cerimônia final, o filme traz o processo contínuo de aquisição da capacidade de compreensão em que Auggie se encontra, com a mediação da família e da escola. Desse modo, “a atividade que antes precisava ser mediada (regulação interpsicológica ou atividade interpessoal) passa a constituir-se um processo voluntário e independente.” (REGO, 1995, p. 61). Sendo assim, o papel orientador da família do garoto, junto a postura inclusiva da escola (como sinalizamos neste artigo) foram importantes no desempenho da sua autoestima, que apesar das adversidades durante o seu processo consegue estabelecer mais consciência de si satisfatórios. Dessa maneira, sua autoestima se constitui proveitosa: a) a partir do caráter social construído e b) da forma funcional em que se dá seus processos de internalização face a potencialidade dos seus mediadores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve a finalidade de apresentar aspectos da construção da autoestima do personagem Auggie Pullman que apresenta uma deformação facial. Sua condição estética, o modo como se relaciona a partir disso consigo mesmo e com os outros, sobretudo a sua base familiar, são as categorias selecionadas para verificar os desdobramentos que indicam um processo de construção adequado da autoestima, e ainda, assim, ao mesmo tempo analisar quais as ações negativas interferem neste processo.

Apoiado nas contribuições da perspectiva teórica da Psicologia Sócio Histórica de Vygotsky, e adotando o estudo de caso como metodologia que permite uma análise cuidadosa dos fenômenos da vida cotidiana, tornou-se possível com estas bases investigar que os fatores que implicam na construção da autoestima do personagem acontecem primordialmente no contexto da família e em alguns momentos no contexto escolar. Prezamos como enfoque

analisar a família como instrumento mediador deste processo. Neste sentido, a teoria sócio-histórica nos apontou que para o indivíduo se desenvolver no mundo é necessário que um outro indivíduo possa mediar este processo de aquisição dos signos e símbolos que estão inseridos na sua própria cultura, e sobretudo, fundamentalmente, a linguagem é uma das condições pela qual se torna possível criar o mundo e os objetos, e que permite a internalização dos atributos de sua própria cultura.

Sendo assim, como conferimos enfoque, é importante lembrar que necessariamente a família quando em condições adequadas de sobrevivência e disposta funcionalmente diante das necessidades, sucessos e fracassos do indivíduo, culminará nas circunstâncias pela qual o sujeito obterá consciência e comportamento adequado diante das adversidades da própria vida. No caso de Auggie, a sua deformação facial, sua diferença singular é desde muito cedo acolhida por sua família de maneira cuidadosa e empática. De modo geral independente desta diferença, a conjuntura adequada da família: moralmente, economicamente, emocionalmente, ajudará o sujeito na aquisição de estratégias possíveis que possam dirimir as afetações negativas que podem decorrer da interação com os outros.

Tais marcadores apontam para a concretude da proposta da Psicologia Sócio-histórica que possui uma cosmovisão interacionista, cujo o ser humano no mundo está em seu processo contínuo de desenvolvimento e construção, onde a linguagem é um dos intermediários na aquisição de comportamento e consciência adequados. Considera-se que este processo sempre sofre alterações e podem implicar em uma nova consciência de si quando há mediação adequada.

As contribuições da abordagem sócio-histórica se mostram inesgotáveis na análise de contextos como este, isso porque a realidade concreta nesta perspectiva não se pode ser analisada separada do ponto crucial: histórico-social, onde a atividade do pensamento, sentimento, afetos, linguagem e imaginação estão inseparáveis do ponto crucial e contidas no esquema do indivíduo. O filme não é uma ficção da qual as comparações não se aplicam à realidade cotidiana, ao contrário, oferece elementos importantes que se fundem em nossa realidade inscrita em preconceitos e discriminações às diferenças. Essa perspectiva teórica oferece um segundo contexto pelo qual não nos aprofundamos, a escola. Sem dúvidas

também influencia na construção da autoestima e se revela um campo potencial a ser pesquisado.

Finalmente, observamos que esta possibilidade de alteração na atividade de uma pessoa pela interferência da outra é fundamental na teoria de Vygotsky no qual se alinha a abordagem Psicologia Sócio Histórica, é o motivo pelo qual a análise deste material selecionado indica uma relação de efetividade das questões apresentadas em observação teórica, mas isto não esgota a variabilidade de inquéritos contidos no plano histórico cultural humano, tendo em vista que nesta perspectiva teórica o indivíduo está em constante transformação, e portanto, requer uma sofisticação no trato de suas questões psicológicas e socioculturais.

REFERÊNCIAS

DESSEN, M. A; POLONIA, A.C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, v.17, n.36, p. 21-32, 2007.

FREITAS, M. T. As apropriações do pensamento de Vygotsky no Brasil: um tema em debate. **Psicologia da educação**. São Paulo, n. 10/11, p. 9-28, 2000.

GODOY, A. A. Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, jan, 1995.

JOENK, I.K. Uma Introdução ao pensamento de Vygotsky. **Revista Linhas**, v. 3, n. 1, p.1-12, 2007.

LUCCI, M. A. A proposta de Vygotsky: a psicologia sócio-histórica. **Revista Professorado**. v. 10, n. 2, p. 1-11, 2006.

ANE, S.T.M. Como nos tornamos sociais. In:_____. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2014. p. 37-84, 87 p.

MOLON, S. I. Entrelaçando a psicologia e a educação: uma reflexão sobre a formação continuada de educadores à luz da psicologia sócio-histórica. **Revista Contrapontos**. n. 5. p. 237-250, 2002.

NEVES R. A.; DAMIANI M. F. Vygotsky e as teorias da aprendizagem. **UniRevista**, v. 1, n. 2, p. 1-10, abril, 2006

PINO, A. S. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. **Cadernos Cedex**, Campinas, n. 24, p. 32-43, mar. 1991.

REGO, T. C. A cultura torna-se parte da natureza humana. In:_____. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 37-84. 138 p.

ROCHA, N. M. A autoestima x autoconceito. In: ROCHA, N.M. **A autoestima como um dos fatores determinantes do aprendizado da criança**. Brasília: Centro Universitário de Brasília, p. 24-24. 2003.

SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, v.15, n.3, p. 11-28, 2004.

SILVA, M. C; CHAVEIRO, E. F. Demografia e família: as transformações da família no século XXI. **B. Goiano Geografia**, v.29, n.2, p. 171-183, jul-dez, 2009.

SUELLEN, M. S. **Reconfiguração do conceito de família no século XXI: Os desafios das famílias homoparentais**. Orientador: Maurício Capela. 2016. 124 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade de Santo Amaro, São Paulo, 2016.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. 4ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1991. 90 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf Acesso em: 07 jan. 2021.

VIGOTSKI, L. S. Criação e imaginação. In:_____. **Imaginação e Criação na Infância**. 1ed. São Paulo: Expressão popular, 2018. p.13-19.

VIGOTSKY, L. S. Introducion: The fundamentals of problems defectology. In:_____. **The collected works of L. S. Vygotsky: the fundamentals of defectology (abnormal psychology and learning disabilities)**. v.2. New York: Plenum, 1993. p. 30-30. Disponível em: <https://www.springer.com/gp/book/9780306424427> Acesso em: 18 nov. 2020.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamentos e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.